

# Blumenau em Ladernos



TOMO XI - ★ AGOSTO DE 1970 ★ - N.º 8

CANTO DOS COOPERADORES

**ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER GRAÇAS  
À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO DOS  
SEGUINTEs COOPERADORES:**

*Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos*

*Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.*

*Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.*

*Artex S/A*

*Dr. Henrique Hacker — Blumenau.*

*José Sanches Júnior — S. Paulo.*

*Prefeitura Municipal de Blumenau.*

*Companhia de Cigarros Souza Cruz.*

*Empresa Industrial Garcia S/A.*

*Arthur Fouquet — Blumenau.*

*Tecelagem Kühnrich S/A.*

*Eletro Aço Altona S/A.*

# Blumenau

## em Cadernos

TOMO XI — ★ AGOSTO DE 1970 ★ — Nº. 8

### Relato do Cônsul Roberto Von Trompowski

Da cidade de Destêrro, capital da província de Santa Catarina, onde era cônsul do Império da Rússia e comerciante, o sr. Roberto von Trompowski, tronco catarinense de ilustre família escreveu a L. Avé-Lallemant, do Rio de Janeiro, a finteressante carta que traduzimos do n.º 4, de novembro de 1852, do "Mitt-heilungen betreffend die deutsche Kolonie Dona Francisca"

Graças à cortesia do Dr. Carlos Ficker, de Joinville, que pôs à nossa disposição as publicações originais, podemos oferecer aos leitores de "Blumenau em Cadernos" estas interessantes informações sôbre Blumenau dos primeiros dias da sua fundação na palavra de um festemunho altamente credenciado e insuspeito.

A carta de von Trompowski é datada da cidade de Destêrro, capital da Ilha de Santa Catarina em 3 de setembro de 1852, portanto dois anos apenas da chegada dos primeiros imigrantes, fundadores de Blumenau, à barra do Ribeirão da Velha. Está assim redigida, conforme tradução de J. Ferreira da Silva:

"Em resposta à sua missiva de 20 do mês passado, na qual o senhor me pede, por solicitação do seu parente, sr. Hahn, atuário judicial em Schoeneberg, próximo a Luebeck, notícias a respeito do seu irmão, que seria um excelente marceneiro e que teria vindo pelo navio SWEA, do capitão Stroemberg, de Hamburgo, destinado à Colônia Dona Francisca, visto como, pela época do seu embarque, corriam, na Alemanha, rumores pouco lisonjeiros a respeito dessa Colônia, folgo em poder mandar-lhe as seguintes informações sôbre o mesmo marceneiro Hahn:

A 3 do mês passado, chegou aqui o SWEA, do capitão Stroemberg, de Hamburgo, lotado, em grande parte, com colonos destinados à Colônia do Dr. Blumenau, depois de uma travessia de 57 dias. E como êsse navio me veio consignado pela firma C.M. Schoeder & Cia., de Hamburgo, tive não só a oportunidade de conversar com muitos dos passageiros, como também de despachar todos os colonos para a Colônia Blumenau a 6 do mesmo mês e onde, segundo ouvi, todos chegaram bem depois de dois dias de viagem.

Lembro-me que o capitão Stroemberg apresentou-me o marceneiro Hahn como um homem muito direito e que, ao mesmo tempo, não vem de todo desprovido de meios e, como tal, eu o recomendei ao Dr. Blumenau.

Quanto aos boatos tendenciosos que, como o senhor diz, são espalhados sôbre a Colônia Dona Francisca e possivelmente também sôbre a do Dr. Blumenau, tenho o prazer de transmitir-lhe e também ao seu amigo sr. Hahn, notícias tranquilizadoras, pois, segundo parece, só motivos pouco nobres e interesseiros são os responsáveis por êsses boatos espalhados na Alemanha, originados de notícias maldosas e falsas, daqui enviadas, e que faltam completamente com a verdade.

Nós dois, que já há muitos anos estamos no Brasil, emigrados da Europa, tivemos muitas oportunidades, o senhor como eu também, de observar com que idéias extravagantes muitos, para não dizer a maioria, dos emigrantes deixam o Velho Mundo e raramente algum, vá êle para onde fôr, sentir-se-á confortavelmente bem nos primeiros anos, não só pelas saudades que o assaltarão, como pela diferença de clima, de costumes, de modos de vida a que êle terá que se adaptar, mesmo sem tomar em consideração que um colono ou agricultor europeu, no que concerne aos métodos agrícolas aqui em uso, terá que passar por uma escola completamente nova e que são uma grande parte dos imigrantes recém chegados, despreza os conselhos que lhe são dados pelo seu bem estar porque pensam que, por virem da Europa, êles têm que saber tudo melhor que o que a experiência ensinou aos que aqui estão há longo tempo.

Essas são, segundo a minha opinião, as razões principais que provocam, seguidamente, a circulação de boatos maldosos contra as emprêsas de colonização.

Mas, no que concerne à colonização dirigida pelo Dr. Blumenau para onde seguiu o irmão do sr. Hahn, posso dar-lhe as seguintes informações, baseadas no conhecimento de vários anos que tenho com o Dr. Blumenau, em observações do seu comportamento em geral e pelo exame pessoal do local em que a Colônia foi fundada. Em vista disso eu acredito, com muita razão, estar expressando uma opinião muito acertada sôbre a situação atual e o provável sucesso dêsse empreendimento.

Eu sempre conheci o Dr. Blumenau como um homem muito correto, ativo e que, antes de escolher local para instalar uma colônia, percorreu as províncias do Rio Grande e de Santa Catarina e só então decidiu-se pelo local atual, onde o governador daqui lhe concedeu várias leguas de terras. Além disso, êle comprou, nas proximidades, outras terras melhor situadas, que já haviam sido concedidas anteriormente a terceiros e já há muitos anos a sua única preocupação tem sido abrir caminho para uma colonização bem organizada. Para êsse fim, êle escolheu, mais ou menos no centro das suas terras, uma fazenda onde eu vi, durante a minha estada ali, um engenho muito bem montado para fabricação de açúcar com dois alambiques europeus completos para cachaça, um engenho de serrar, uma olaria e, além de uma plantação nada insignificante, um grande pasto com bastante gado gordo e uma razoável criação de suínos.

Próximo a êsse lugar, cêrca de 500 braças distante de um ribeirão

navegável, situam-se os primeiros lotes por êle demarcados e destinados a colonos alemães e onde eu encontrei uma grande casa para a recepção dos imigrantes. Alí o Dr. Blumenau dá às primeiras cinqüenta famílias chegadas a cada uma 100 morgos de belas e férteis terras, cobertas de matas e que, como o senhor sabe, são as melhores do Brasil. Como as famílias já chegadas não alcançaram o número de 50, o seu parente, o marceneiro Hahn pode pleitear o direito a um dêsses lotes ainda desocupados.

Dado o fato do Dr. Blumenau, além do tempo gasto na organização da sua empresa de colonização, ter empregado a maior parte da sua fortuna (16 contos de réis, cêrca de 12.000 talers) é de se esperar que êle faça todos os esforços possíveis, no próprio interêsse, para agradar, moral e materialmente, os colonos recém chegados, o quanto estiver nas suas posses.

Como eu esteja, há mais de 20 anos, na província de Santa Catarina, estabelecido como comerciante e, ao mesmo tempo servindo como cônsul russo, tenho tido oportunidade de viajar por grande parte do seu território e, assim, conhecê-lo bem, acredito poder testemunhar com segurança que as terras escolhidas pelo Dr. Blumenau estão situadas entre as mais próprias desta província para tais empreendimentos.

Às margens do Itajaí - onde se situa a Colônia do Dr. Blumenau e que, além de ser o maior rio da província por êle navegam embarcações cobertas, diretamente até Destârro - residem, já há 12 para 15 anos, de 20 a 30 famílias de colonos alemães que, em sua grande parte, foram para ali da Colônia de São Pedro de Alcântara, fundada há mais de 20 anos pelo govêrno brasileiro, e de onde saíram para ocupar diversos lotes a pouca distância da Colônia Blumenau.

Na minha última estada em Itajaí, eu tive o prazer de verificar que tôdas essas operosas famílias estão prósperas e quase tôdas elas possuem o seu engenho próprio de farinha de mandioca, muitas plantações de gêneros de lavoura e pastos abundantes com gado bem gordo. Êsses colonos alemães há pouco, construíram uma pequena e bela igreja onde celebram o seu serviço divino aos domingos.

No que se refere à Colônia Dona Francisca, que se situa na divisa norte da Província e até aonde eu ainda não tive oportunidade de ir, não posso dar informações minuciosas além das que sei por notícias de pessoas fidedignas, que a mesma colônia progride cêleremente e que no pouco tempo da sua existência já foi feita muita coisa, tanto da parte da administração como da dos colonos.

Talvez a maior restrição que se possa fazer, com alguma razão, a êsse estabelecimento está no fato de que a escôlha do primeiro desembarcadouro, ou a do local destinado ao povoado - onde estão as casas da direção - não foi bem feita, pois em virtude da sua situação muito baixa e de terrenos alagadiços por ocasião das chuvas êles são fâcilmente alagáveis. Ouvi, entretanto, que a direção já escolheu outro local.

Segundo outros, que informam por conhecimento próprio, o local em que se começou a cidadezinha "Schroedersort", não é pantanoso, mas era apenas úmido, mas em virtude de canais que se abriram em tôdas as direções para escoamento das águas pluviais, tornou-se sêco . . . . . ( A Re-

dação do "Mittheilungen").

Como eu acredite que possa interessar não só ao seu parente, mas a muitos outros também um relato exato da situação atual e do provável desenvolvimento da Colônia Blumenau, autorizo-o a mandar-lhe esta carta, assim como até teria prazer em que êle a fizesse publicar no "Allgemeinen Auswanderungszeitung" de Rudolstadt, pois, assim, talvez eu contribua não só para mostrar a real situação daquele estabelecimento, como até para pôr um dique à ação dos inimigos gratuitos do Dr. Blumenau, os quais, segundo oiço, com a propalação de muitos boatos falsos têm prejudicado bastante o seu estabelecimento.

Entretanto, sou seu velho conhecido e amigo (Ass.:) Roberto von Trompowski."

(Esta carta é endereçada ao sr. L. A. Lallemant, chefe da Casa Lallemant & Mac Gregor, no Rio de Janeiro.

---

## Recordações de Blumenau de Ontem

*Fritz REIMER*

Cheguei a Blumenau em setembro de 1930. A nossa era uma cidadezinha calma e tranqüila. Os moradores todos se conheciam e se cumprimentavam uns aos outros ao se encontrarem. Não raro começavam, então, longas conversas.

O trânsito constituia-se de muitas mais carroças que de automóveis. Êstes, em época de sêca, deixavam, após si enorme nuvens de pó. Não havia ainda ruas calçadas. O aspecto geral da cidade era completamente diverso do de hoje. Onde se encontram as Lojas Zadrozny, havia um canal e na actual Praça Dr. Blumenau havia uma ponte de madeira sôbre um ribeirão, hoje canalizado. A ponte sôbre o Ribeirão Garcia era muito mais estreita e a ponte no final da Alamêda Duque de Caxias também era muito estreita e coberta de fôlhas de zinco. A antiga igreja católica situava-se no mesmo local da actual e tinha uma tôrre bonita com relógio de quatro mostradores.

Muitos velhos blumenauenses devem ainda lembrar-se de Alfredo Carvalho, pessoa que, pelo anos de 1920 era ou poderia ter sido um dos homens mais ricos de Blumenau. Negociava com automóveis e possuía vários carros de aluguel, com os quais ganhou muito dinheiro. Aliás êle vivia sempre em festas. Havia ocasião em que esvaziava o radiador do seu carro e enchia-o em seguida com champagne, ou tomando do revolver que sempre portava, atirava às louças e às garrafas do bar, pagando, depois tôdas as despesas que lhe eram exigidas. Pois êsse homem, para ganhar uma aposta subiu de automóvel a escadaria da igreja católica, a começar na rua 15 e terminando no adro da mesma igreja. O caso então causou grande sucesso e muitos comentários. Existiam três bancos apenas: o Banco Nacional do Comércio, com agência no local em que se encontra a Distribuidora de Tecidos, a Caixa Agrícola do Município de Blumenau depois transformado no Banco Inco e hoje Banco Brasileiro de Descontos, que funcionava no prédio

onde se encontra agora a Casa Kieckbuch e o Banco Sul do Brasil, onde hoje está a Galeria Busch, em prédio já demolido. No comércio as casas Carlos Hoepcke, Companhia Schrader, Casa Moellmann, Casa Grossenbacher, Vitor Probst eram as líderes e, na Indústria, a Companhia Hering dominava, seguida pela Textil Karsten de Têsto Salto, e a Empresa Garcia.

A família Hering brilhava na sociedade e tinha influência na vida política, participando dos principais acontecimentos municipais. Circulavam três jornais: "A Cidade de Blumenau", semanário, o "Blumenauer Zeitung", e "Der Urwaldsbote", êstes bissemanários em língua alemã. Aliás, nessa época, era raro ouvir-se falar português no interior da colônia, o que valeu a Blumenau o apelido de "pequena Alemanha".

A "Cidade de Blumenau" era propriedade da família Balsini e o "Blumenauer Zeitung" da família Baumgarten. O "Der Urwaldsbote", o de maior tiragem e de circulação era dirigido por G. Arthur Koehler. Êste era homem inteiramente dedicado ao progresso do Município, principalmente ligado à agricultura e pecuária. A ginástica era o esporte da sua predileção. E falando em ginástica, proponho-me a falar, no próximo "Caderno" em muita coisa relacionada com as agremiações blumenauenses daquele tempo principalmente da fundação, vida e morte da Sociedade de Ginástica de Blumenau. Até lá.

---

## BLUMENAU

---

## E SUA IMPRENSA

---

### XLVII

### "MOCIDADE"

Em aditamento à nota que demos a respeito dêsse mensário, em nossa edição anterior, n.º. 7, temos a acrescentar alguns informes que, agora, nos foram enviados pelo dr. Alexandre Muniz Queiróz, ilustre advogado e pessoa de grande prestígio político e social em Joaçaba, onde se radicou há muitos anos. "Mocidade" apareceu, em seu primeiro número, a 21 de agosto de 1934 e, não em setembro como fôra registrado naquela nota. Foi órgão da Sociedade Recreativa dos alunos do Colégio Santo Antônio, e aparecia mensalmente. Era impresso nas oficinas do "Correio de Blumenau", no formato de 24 X 33 cm., aberto em 3 colunas, geralmente com 4 páginas. (O 1.º número apareceu com 6). O título, em clichê, além do nome, trazia de um lado o escudo do Colégio Santo Antônio e, do outro, o emblema da ciência. Além de artigos, notas e notícias relativas às atividades colegiais, "Mocidade" publicava o resultado das provas parciais realizadas trimestralmente nas várias séries. Matéria muito variada, não escapando as poesias de plumitivos ainda meio canhestros, fazia do jornalzinho uma folha esperada, ansiosamente, pela rapaziada do Santo Antônio, rapaziada hoje ocupando altos cargos na administração pública, ou gozando de justo renome no desempenho

de diversas profissões liberais, como é o caso do próprio Dr. Alexandre Queiroz, que foi o primeiro diretor do "Mocidade", de João Mayr, de Nelson Nóbrega, de Rosarita Navarro Stotz, de Acácio Selnio da Silva, seus primeiros redatores.

Nas informações que, gentilmente, nos mandou em carta, o Dr. Queiróz não soube nos dizer com certeza até que data foi a duração do "Mocidade". Segundo nos informou, os últimos números que êle recebeu, depois de bacharelar-se em ciências e letras no mesmo ano do aparecimento do jornalzinho, foram os de abril, maio e junho de 1936, já sob a direção de Noé Krüger. Anteriormente, o Dr. Queiroz, quando aluno do Ginásio Mineiro de Teófilo Ottoni, Minas Gerais, ali fundara "O Estudante", jornalzinho que, segundo foi informado, ainda está circulando, embora esporadicamente.

Não satisfeito em prestar-nos as valiosas informações que registramos, o Dr. Queiroz presenteou-nos com exemplares dos quatro primeiros números de "Mocidade" que já encadernamos e incorporamos à já preciosa coleção de jornais do Vale do Itajaí, de nosso Arquivo Histórico. Somos muito reconhecidos ao bom amigo Dr. Queiroz, de quem não poderíamos esperar, senão, gestos de gentileza como êsse.

### XLVIII

#### "DEUTSCHER KALENDER FÜR DIE SÜDSTAATEN BRASILIENS"

A década de 1930 foi pródiga em almanaques em Blumenau. Já fizemos menção de dois aparecidos, respectivamente, em 1933 e 1934, ambos de vida curta. O primeiro em língua portuguesa e o outro em alemão.

Também em 1934 surgiu outro calendário, êste agora de maior fôlego. Trata-se do "Deutscher Kalender für die Sudstaaten Brasiliens" (Almanaque alemão para os estados do sul do Brasil") Seu proprietário e editor foi o jornalista Otto Wille, sediado em Blumenau.

A primeira edição, relativa a 1934, apareceu com 368 páginas, formato 16 X 23 cm., com capa em côres. Grande quantidade de anúncios se intercalam no têxto. As primeiras páginas, como de praxe em publicações dêsse gênero, são destinadas aos dados cronológicos, meteorológicos, sôbre agricultura, pecuária etc. Há interessantes artigos versando os mais variados assuntos, assim como referências históricas, anodotas, charadas, etc.

Otto Wille era natural da Alemanha. Viera em 1904 para o Brasil. Aqui foi agricultor em Hansa, empregado do pastor Aldinger, auxiliar do comércio, negociante, industrial e colonizador. (Vide "Blumenau em Cadernos" Tomo III, pags. 93/94).

Homem de extraordinária atividade e de grande capacidade de trabalho, terminou os seus últimos anos dedicado ao jornalismo e à colonização de terras em Mato Grosso, onde possuía vasta gleba que dividira em lotes coloniais. Lutador incansável, jamais conseguiu fortuna, tendo lutado ativamente até os seus derradeiros dias. Mas foi sempre um conformado com a sua sorte, vivendo alegre, sempre bem humorado e bem disposto. Já com



80 anos de idade e atacado de insidiosa moléstia, ainda pensava em plantar seringueiras nas suas terras de Mato Grosso, e falava nisso com tal entusiasmo como se ainda estivesse em plena mocidade.

Como agente geral do "Blumenauer Volkskalender", da firma Nietzsche & Hoemke, de que já demos notícia, Otto Wille percorreu os três estados do sul do Brasil coletando anúncios para êsse anuário. Entrou, assim em contáto com as principais firmas comerciais e industriais da região. Isso facilitou-lhe a tarefa quando, um ano depois, resolveu editar, por própria conta, um anuário para as três citadas unidades da federação e para leitores de língua alemã. Foi bem sucedido. O seu almanaque, que passou a ser conhecido por "Wille's Kalender" foi publicado durante, nada menos de 31 anos, com pequenas interrupções. Em 1938 chamou-se "Wille's Deutscher Kalender für Brasilien", no ano seguinte, desapareceu o "Deutscher" do título, permanecendo como "Wille's Kalender für Brasilien". Em 1940, o título passou para o português: "Almanaque Wille Kalender". Entre 1941 e 1951, inclusive, não foi publicado, reaparecendo em 1952, com êsse mesmo último título.

Em 1961, tomou a denominação de "Almanaque Wille" que conservou até 1965, último ano de sua publicação.

A série desses Calendários constitui-se num interessante e valioso repositório de notas, referências e fatos históricos que, além de fornecer magníficos subsídios aos estudiosos da literatura teuto-brasileira, ou da alemã no sul do Brasil, forma um retrato fiel e curioso da situação cultural de Blumenau dos meados do século.

Como as demais publicações dêsse gênero, o "Almanaque Wille" é uma fonte literária de grande significado porque reflete a vida econômica, as atividades intelectuais e sociais das colônias alemães nos Estados do Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Para o Vale do Itajaí, para os estudiosos do seu passado, é de inestimável valia.

As primeiras edições foram impressas na Tipografia de Carlos Maier & Cia., do Rio de Janeiro. De 1938 em diante na Impressora Paranaense, de Curitiba.

## XLIX

### "ALVORADA"

Semanário independente, de orientação integralista, "Alvorada" apareceu, em seu primeiro número, a 8 de janeiro de 1935, sob a responsabilidade e redatoriado por J. Ferreira da Silva. Assinaturas: Trimestre 3\$000 Fora do Município, Ano 12\$000. Redação: Rua 4 de Fevereiro (atual Ângelo Dias), n.º 8. Oficinas: Rua Amadeu Luz, n.º 115. Formato 33 X 47 cm. Foi um jornal bem feito e bem impresso nas oficinas do "Correio de Blumenau".

Na época do seu aparecimento, o integralismo dominava a população de Blumenau e se preparava para ocupar o govêrno do município, como de fato sucedeu no ano seguinte quando êsse movimento não só ele-

geu o prefeito municipal, Alberto Stein, mas, igualmente, 11 dos 15 vereadores de que a Câmara Municipal era composta.

O jornal, além de bons artigos doutrinários, trazia o expediente do núcleo local e dos de outras localidades do município e do Vale do Itajaí, amplo noticiário local do Brasil.

Cessou a sua publicação com o número 25, do 1.º ano, em 28 de junho de 1935.

A Biblioteca Pública do Estado, em Florianópolis, possui a coleção desse jornal, com falta, apenas, dos números 7 e 21.

## L

### “ANTESIRIPROSPÉTICO”

Com êsse nome estrambótico, apareceu em Blumenau, pelo carnaval entre 1935 e 1938, um jornalzinho crítico e literário, sob a direção de João Vieira e Luiz Reis. Não foi possível precisar a data de sua publicação nem mesmo com um dos seus diretores que nos forneceu apenas ligeiros dados. Nem mesmo nos foi possível conseguir um único exemplar desse jornalzinho que apareceu apenas uma vez.

## LI

### “DEUTSCH-BRASILIANISCHE JUGEND-ZEITUNG”

Alemã de nascimento, a romancista Annie Brunner radicou-se em Blumenau. Com extraordinário gosto pelas letras, escreveu vários contos e romances.

Fundou uma editôra, a “Krystall-Verlag”, por intermédio da qual dava à publicidade a sua produção literária que foi abundante e variada. Escreveu e publicou mais de uma dezena de romances, contos, peças dramáticas etc.

Em fins de 1935, instada por constantes solicitações, resolveu fundar uma revista especialmente dedicada à juventude teuto-brasileira. E em agosto daquele ano veio à luz o primeiro número da revista a que deu o nome de “Deutsch-brasilianische Jugend-Zeitung” (Jornal da juventude teuto-brasileira). De pequeno formato (16 x 25,5 cm.) vinha, geralmente, com 20 páginas e era impressa na tipografia Baumgarten, desta cidade. Figurava como redatora a senhosa Alice von Moers, outra escritora e professora, a quem as letras blumenauenses muito devem. Trazendo sempre matéria apropriada aos leitores a que se destinava, era uma revista interessante. Muitas poesias, contos, conselhos, anedotas, variedades, enriqueciam as suas páginas. Era de publicação mensal. Foi publicada regularmente até julho de 1936 (12 números) quando deixou de existir. Na Biblioteca Municipal de Blumenau há a coleção completa desse periódico que foi realmente, de grande utilidade aos jovens, não apenas pela matéria sadia que publicava, como pelos ensinamentos cívicos que difundia.

# REMINISCÊNCIAS

*H. P. Zimmermann*

Dizem, que recordar é viver, mas recordar é, também, conviver em pensamentos, com as pessoas que se conheceu, parentes, amigos ou simplesmente conhecidos, que já não existem mais. Tenho-me referido muitas vêzes, a pessoas que viveram em Gaspar no tempo de minha infância. Hoje quero recordar um homem com quem convivi na minha infância, que foi muito meu amigo, de quem muito aprendi e que muito contribuiu para a formação de meu caráter. Falo de meu avô materno, Henrique Schoeping. Nascido na Westfália, na Alemanha, muito jovem ainda veio para o Brasil. Na Alemanha freqüentou a escola primária e a secundária. No Brasil, seu primeiro paradeiro foi a antiga Destêrro, a Florianópolis de hoje. Participou como voluntário na guerra do Paraguai e em 1870 veio para Gaspar, onde conheceu Maria Hoeschl, com quem se casou. Ainda na Alemanha, aprendeu o ofício de seleiro, especializando-se na confecção de arreios de tração para carruagens e selas de montaria. Em Gaspar adquiriu terras e iniciou sua vida como lavrador, depois montou uma selaria, o que foi uma iniciativa feliz, pois naquele tempo os moradores da localidade serviam-se, na maioria, de cavalos de montaria e de carroças, para sua locomoção. Os produtos de sua selaria eram, além de bem acabados e resistentes, de bonita aparência. Mandou buscar na Alemanha, matrizes de metal para estampar em alto relêvo, com motivos e desenhos vários, as peças de couro para os cabe-

çotes de arreios, as "caronas" e badanas, etc., como então se usavam na Europa. O negócio de meu avô desenvolveu-se muito bem, e êle podia considerar-se um homem feliz, não tivessem sobrevindo sérios contratemplos.

Foi no ano 1893, quando apareceram em Gaspar as tropas de Gumercindo Saraiva, o aventureiro rebelde que combatia contra as forças legais. Gumercindo havia recrutado um contingente de homens, aventureiros como êle, audaciosos, indisciplinados e sempre inclinados a praticar tôda sorte de truculências, assaltos e roubos. Acamparam em Gaspar exatamente na pastagem de meu avô Schoeping. Êste, vendo sua propriedade invadida e sua moradia convertida em quartel para os oficiais do contingente de Gumercindo Saraiva, temendo pela sorte de sua família, conseguiu levá-la para a casa de um seu amigo, que morava na Garuba distante de Gaspar. Os homens de Gumercindo saquearam a casa destruíram móveis, roubaram tudo o que encontraram na selaria de meu avô, destruíram os víveres que encontraram em abundância na casa, cuja sala grande transformaram em estrebaria para os seus animais.

Finalmente, vendo-se acosado pelas tropas legais Gumercindo Saraiva retirou-se em direção a Itajaí. A passagem por Gaspar, dêste bando de celerados deixou profundas marcas, das quais eu cheguei a conhecer uma, por assim dizer, indilével. No pas-

to de meu avô havia uma palmeira real, perto da estrada. Nella foram amarrados e b̃arbaramente castigados, vários homens, alguns dos quais foram ali mesmo fuzilados. Mais ou menos um metro e meio do chão, a referida palmeira mostrava várias perfurações de balas de grosso calibre. Em consequência disto, ali ela atrofiou, mostrando o tronco uma espécie de cintura de mais ou menos 10 cm. de largura, depois do que o seu tronco continuou com grossura normal. Nesta mesma palmeira, conforme relatava meu avô, um negro que havia se insurgido contra o seu comandante, foi amarrado e chibatado até seu dorso ficar em carne viva. Em seguida entregaram-lhe as carnes sangrentas com sal grosso e o soltaram. O negro, vendo-se solto, correu até a rio e jogou-se nágua e ali permaneceu até o anoitecer. Nunca mais foi visto.

Passados os irrequietos e turbulentos dias da revolução, meu avô Schoepping tratou de restaurar a sua casa, que então aumentou com mais uma ala, e de reorganizar o seu negócio de selaria, no que era auxiliado pelo seu filho mais velho, meu tio Teodoro. Quando, poucos anos mais tarde no Rio Grande do Sul passou-se a fabricar arreiaamentos de montaria industrialmente, meu avô adquiriu grande quantidade destes produtos e organizou um serviço de revenda dos mesmos, através de vendeiros estabelecidos em várias colônias do município de Blumenau. A morte prematura de seu filho mencionado, causou-lhe profundo golpe. Resolveu dar por terminados os seus negócios com artigos de couro e cuidar unicamente de sua pequena lavoura, que sempre manteve para pro-

duzir viveres para sua casa.

Durante tôda a minha infância, sempre conheci vovô Schoepping, como homem bel. disposto, alegre e comunicativo, sempre atento a tudo o que ocorria no país e no estrangeiro. Participava ativamente da vida política e, por várias ṽezes, ocupou o cargo de juiz de paz em Gaspar. Com meu pai e os dois outros genros, discutia assuntos políticos. Republicano convicto, todavia falava com muito respeito do Imperador D. Pedro II. Apreciava muito o Conde d'Eu, que conheceu pessoalmente. Gostava muito de contar coisas do passado e o fazia com muita vivacidade, pois possuia muito boa memória. Sempre encarecia a necessidade, de se dar aos alunos das escolas, uma boa educação moral e cívica. Quando falava conosco, os meninos, citava os grandes vultos da história do país, exaltando os seus feitos. Aliás, vovô nunca contava coisas que não contivessem um ensinamento para nós, mas assim mesmo não nos aborrecíamos e gostávamos ouvi-lo.

Eu, o mais velho da família era companheiro quase que constante de meu avô. Com êle aprendi montar a cavalo, que os possuia muito bons. Fazíamos prolongados passeios a cavalo e êle me ensinava, como montar corretamente. Nêstes passeios, contava me muito do que acontecera em Gaspar, desde que lá chegara até os dias que vivíamos. Dizia, que o progresso e o desenvolvimento de uma região, dependiam exclusivamente da inteligência e da capacidade de trabalho de sua população, por isto os meninos deviam preparar-se para enfrentar as tarefas que o futuro

lhes reservava. Quando perdeu seu filho, senti-me ainda mais ligado a êle e doia-me profundamente a sua dor. Sempre que possível, estava perto dêle, e, embora não compreendendo bem a profundidade de sua dor, procurava distraí-lo, fazendo-lhe perguntas e pedindo que me contasse qualquer coisa.

Vovô nos deixou para sempre em 1914. A sua morte foi muito sentida de todos que o conheceram, mas para mim, foi uma perda que feriu profundamente, um choque terrível. O

tempo, porém, cura tôdas as feridas, porque êle nos traz problemas que nos absorvem completamente e nos fazem relegar a um segundo plano aquilo que ocupava antes as nossas mentes. Nunca, porém, esqueci-me de meu avô materno, que foi um grande amigo, um bom conselheiro para seus netos e um exemplo digno de ser seguido. Altivo e desassombrado, leal e franco, êle sempre procurou ser para seu netos, antes de tudo, um exemplo de bom cidadão e um homem digno.

---

Notícia tirada de um jornal de Itajaí, de 25 de Fevereiro de 1906: "Esteve nesta redação o sr. João Antônio da Silva Alcântara, secretário do "Cinematógrafo falante Star & Cia." que trabalhou, ultimamente em Joinville, conquistando as mais elogiosas referências, da imprensa local. O cinematógrafo falante outra coisa não é senão uma felicíssima e admirável aplicação do fonógrafo ao cinematógrafo, de sorte que ao mesmo tempo que se vêem as figuras fazer no palco todos os movimentos como se fôsem vivas, ou animadas, as ouviremos, também, falar, cantar, chorar etc. conforme a cena que se representa. A imitação não será mais perfeita. O sr. Silva Alcântara seguiu sexta-feira para Blumenau, onde será exibido primeiro o "Cinematógrafo" que ainda se acha em Joinville. De Blumenau os snrs. Star & Cia. virão a esta cidade.

---

Do "Comércio de Joinville", de 10 de fevereiro de 1906: "Da freguesia da Penha do Itapocoroia nos comunicam que no Morro da Praínha, situada à praia daquela freguesia, de há um ano para cá, trabalha pertinazmente o sr. Antônio Silveira, fazendo profundas excavações e cortes extraordinários em busca de cinquenta mil contos e um Santo Inácio de Ouro com o peso de 80 quilos, ali deixados pelos jesuítas quando expulsos do Brasil. O sr. Silveira guia-se nesses trabalhos por um mapa que acredita deixado por aquêles religiosos e, morando numa gruta daquele morro, diz que, se não encontrar a riqueza por cujo fim trabalha, acabará doido e morrerá imediatamente, conforme lho diz uma voz íntima, que o guia naquela difícilíssima tarefa".

# PRAIA DE ARMAÇÃO

Gustavo KONDER

Nos meus primeiros anos de vida (1905 á 1912) a pitoresca praia da Armação - (a tão elogiada e enamorada do escritor Visconde A. de Escragnole Taunay, famoso autor da "Retirada da Laguna" e da "Inocência") foi o nosso primeiro ponto de veraneio durante os meses de Janeiro a Março. Era a única praia aproveitável, pois as outras, tais como Cabeçadas, Praia de Camboriú, Itapema, etc., eram ainda inexploradas e não existiam estradas acessíveis. As nossas famílias Regis e Konder, bem como a dos Müller (Lauro e Eugênio) eram as únicas veranistas da praia da Armação cujas areias estavam sempre atulhadas de gigantescas ossadas de baleias, pescadas e cozidas pelos exploradores irlandeses. Era a mais importante de tôdas as armações espalhadas na costa sul do Brasil. Quando nasci, em 1905, a colônia de pesca da aludida praia entrou em declínio, em virtude da carência de baleias e assim os irlandeses debandaram ou voltaram para sua terra natal, deixando porém, como lembrança "pecaminosa", alguns filhos de cabelos avermelhados e de olhos azuis, engendrados pelas nossas esquilidas e ingênuas cabocias.

O meu avô Xandóca, pai de minha mãe, possuía uma casa de material, estilo apertuguesado, caiada de branco, bastante confortável e, tendo ao lado um grande rancho de madeira, todo fechado, para guardar as carroças e servir de estábulo para os seus cavalos brancos e bem nutridos. O vovô era muito cuidadoso para com os seus animais, pois eram o seu meio de transporte, já que ainda não existiam veículos motorizados,

Depois das festas de ano bom, em Janeiro, tôda a família, do lado materno (Régis), era transportada para lá em duas carroças, juntamente com os indispensáveis mantimentos e as trouxas de roupa. A primeira, na frente, era dirigida pelo vovô e a segunda atrás, pelo empregado Antônio um mulato alto e magro. O itinerário era o seguinte:— atravessar o rio Itajaí por meio de uma grande balsa existente ao lado da antiga alfândega, a fim de aportar no bairro de Navegantes. Dali descia se para o sul até o pontal na barra - hoje denominada praia de Itajaí. Dava-se meia volta e rumava-se pela longa e silenciosa praia do Gravatá que terminava numa enorme pedreira. Ali existia uma picada, terra a dentro e por onde galgávamos alguns montes cobertos de floresta rasteira e raquítica. Ao atingir o último monte, justamente o mais alto, avistávamos maravilhados a tão ansiada praia da Armação. Até os cavalos, suados, naturalmente por instinto, apressavam-se eulóricos. Os meus irmãos, como tôda a criançada, gritavam de tanta emoção. O vovô Xadóca com o seu belo cavanhaque, assobiava alegremente. O percurso levava quase cinco horas, pois a estrada, principalmente a dos montes, era um atalho cheio de obstáculos - arenoso e esburacado.

A poucos metros do fim desta estrada, ao norte estava situada a nossa lembrada vivenda, onde desembarcávamos alvoroçados e contentes da vida.

Atrás do modesto solar, havia uma bonita floresta, em cuja sombra plantaram inumeros pés de café cujos ramos ficavam cobertos de bagas

verdes e vermelhas. Infelizmente esta vivia infestada por cobras venenosas, principalmente de jararacas. O vovô, para espantá-las, punha fogo nas pontas cortadas dos chifres de ruminantes: segundo êle, as cobras não suportavam o fedor do chifre queimado e desapareciam. Na frente da casa, retirada dez metros da praia, estava um bonito pasto, atravessado por um largo caminho que conduzia desde o portão até á porta da vivenda.

Bem ao norte, defronte a uma pedreira, um pouco afastada da praia, existia uma grande casa de madeira, pertencente à família Müller, que veraneava apenas por algumas semanas, já que a maioria desta família residia no Rio.

Durante a temporada, brincávamos maravilhosamente, principalmente no banho matinal, sempre sob a vigilância dos adultos. Debaixo do cafezal, as meninas faziam imaginárias casinhas de bonecas, que eram feitas com tenras folhas de café e brincavam de comadres. Os meninos trepavam ou balanceavam-se nos galhos das goiabeiras e dos cafeeiros.

Todos os dias, depois do almoço, eu e a minha saudosa mãe, (sempre grávida), estudávamos sentados diante da janela, tendo à frente a bela visão da praia, rendilhada de espumas brancas. Vovó Luiza, mãe de minha mãe, com a sua cabeleira tôda nevada e ondulada, remendava ou conversava com as outras tias: Flôr, Olga e Leontina, igualmente ocupadas com trabalhos manuais. O "rabujento" vovô Xandóca, pouco amigo de conversas, tratava carinhosamente dos seus cavalos, no rancho, sempre acompanhado de seu grande cão de estimação chamado "Totó". Quando acabavam os meus estudos, eu pegava a minha irmãzinha caçula, para ir ao encontro da criançada que brincava no fundo da chácara.

O meu pai só vinha aos sábados, à cavalo, para passar conosco os domingos. Tôda a família rodeava-o para saber as novidades. Para mim trouxe a famosa revista semanal "O Tico-Tico" e, depois de lê-la, passava-a ao meu irmão Alexandre, que lia em voz alta para tôda a criançada.

À noite, tôda a família, inclusive as domésticas, reunia-se na espaçosa sala de jantar, iluminada por um enorme lampeão a querosene, que pendia do teto, para animar a conversação até tarde. O meu saudoso irmão Alex, um ano mais velho do que eu, com a sua fantástica imaginação (pois nasceu com o dom de escritor) contava as suas lorótas somente para alegrar ou espantar a criançada, inocente e ingenua. Até os "grandes" prestavam atenção e riam quando ouviam as fanfarronadas do mano. Eu, que não podia ouvi-lo, rabiscava numa lousa preta figuras de árvores, casas e bonecos de acôrdo com os caprichos da minha mente.

Foi na Armação que eu aprendi a pronunciar corretamente a letra "M" (mamãe), pois só chamava a mamãe de "papai". Minha saudosa mãe, quando me ouviu, pela primeira vez pronunciar a nova consoante, chorou de tanta alegria abraçando-me amorosamente.

Foram tempos inesquecíveis da minha risonha infância e que lembram o romantismo do grande e sempre lembrado Machado de Assis.

## Um dos primeiros Imigrantes

Franz Sallentien, foi um dos integrantes da primeira leva de imigrantes, chegados na tarde de 2 de setembro de 1850 e que deram começo à colonização da gleba de terras, de duas léguas em quatro, adquiridas pelo Dr. Blumenau para o início da Colônia, que idealizara, e que se transformou na cidade magnífica que é, hoje, a capital econômica de Santa Catarina. Nasceu Sallentien a 12 de agosto de 1827. Tinha, portanto, quando deixou a sua pátria para situar-se no Vale do Itajaí, 23 anos de idade e era solteiro. Mas, depois de ter-se mudado para Barra do Rio, residindo em casa próxima à atual Fábrica de Papel, casou-se com Joanna Osterland que integrara o terceiro transporte de imigrantes vindos da Alemanha para Blumenau. O casamento realizou-se em 13 de março de 1855. Do seu casamento nasceram nove filhos. O primeiro foi uma menina, Luiza Gulhermina,



Franz Sallentien, um dos primeiros imigrantes de Blumenau na época em que veio para Santa Catarina.

vinda ao mundo no Itajaí Mirim a 11 de Dezembro de 1855. Luiza casou-se em 25 de agosto de 1881, em Brunsvique, Alemanha, com Oto Drewes, pastor protestante, nascido em 11 de fevereiro de 1853. Esse casal teve 3 filhos; desses vivem ainda 6 netos e nove bisnetos. O marido de Luiza faleceu a 25 de fevereiro de 1925 e sua viúva sobreviveu-lhe por um decênio, falecendo na década de 1930. O segundo filho foi Franz Max Reinhold, nascido também no Itajaí Mirim (Barra do Rio) a 9 de junho de 1857 e que se casou em Brunsvique, Alemanha, com Adelina Berta Hedwig Augusta Estefânia a 16 de abril de 1895. Adelina, batizada com toda essa porção de nomes, nasceu a 7 de agosto de 1861, portanto quatro anos mais moça que o marido. Franz Max, o único filho de Franz Sallentien que regressou ao Brasil, foi co-



merciante muito próspero em São Paulo e aí faleceu em 24 de julho de 1940, já viúvo, pois a espôsa o precedera na morte a 8 de março de 1929. Do casal Franz Max e Adelina nasceram dois filhos Ruth e Heinz. A primeira, Ruth, nasceu em Florianópolis a 2 de abril de 1896 e casou-se a 12 de maio de 1920 com Curt Vierech. O casal que ainda vivia á dois anos atrás, teve dois filhos que morreram na segunda guerra mundial, na Alemanha. O segundo filho de Franz Max, Heinz, nasceu a 16 de junho de 1900, em Florianópolis. É químico de profissão. Casou-se a 1.º de novembro de 1932, no Rio de Janeiro, com Gertrudes Riedel, nascida na Alemanha, Danborn, a 5 de Maio de 1905. O casal Heiz e Gertrudes Salentien, que vive ainda em São Paulo, teve três filhos: Brigitte, nascida em São Paulo a 8 de setembro de 1933, casada a 15 de dezembro de 1962 com Geraldo Melcher, em São Paulo. Dêsse casal, Geraldo e Brigitte, nasceram três filhos todos residentes em São Paulo. O segundo filho do casal Heinz Gertrudes, Klaus, nasceu em São Paulo a 10 de Março de 1935. É químico industrial e se conserva solteiro. A êsse descendente de Franz Sallentien, seu bisneto portanto, é que nós devemos os dados acima e muitos outros que ainda divulgaremos, inclusive cópias de quatro cartas escritas por seu bisavô, de sua residência na Barra do Rio para parentes na Alemanha. A tradução dessas cartas virá publicada em "Blumenau em Cadernos" Heinz e Gertrudes Sallentien, tiveram ainda mais uma filha, Crista, nascida em São Paulo, a 26 de Julho de 1936. Crista continua residindo na capital bandeirante.

O terceiro filho do casal Franz e Joanna, nasceu na Barra do Rio a 30 de outubro de 1858 e morreu no ano seguinte, a 2 de janeiro. Recebera o nome de Paulo O quarto filho de Franz Sallentien recebeu o nome de Reinhold Paul Ludwig e nasceu também na Barra do Rio Itajaí Mirim a 12 de dezembro de 1859 e, a 27 de agosto de 1898 casou-se em Brunsvique, onde era comerciante, com Mathilde Julie Adelheid Stephany, nascida em 31 de outubro de 1865. Reinhold faleceu a 29 de agosto de 1937, precedido de sua mulher que deixou o número dos vivos a 26 de fevereiro do mesmo ano de 1937. O casal Reinhold e Mathilde teve uma única filha que recebeu a nome de Ilse Joana Mina Paula, nascida a 28 de novembro de 1904 em Brunsvique. Ilse vive ainda nesta última cidade. É bibliotecária diplomada e presta serviço da sua profissão, em estabelecimento da cidade natal. O quinto filho do casal Franz e Joana Salentien recebeu o nome de Minna Joana Augusta e nasceu a 5 de Dezembro de 1861, a bordo do veleiro "Raleigh" à altura do 4.º de latitude Norte e faleceu solteira, em Brunsvique, a 16 de janeiro de 1920. O sexto filho, de nome Karl, teve vida de pouco mais de um mês. Nasceu a 13 de fevereiro de 1864, na Barra do Rio Itajaí Mirim e faleceu a 28 do mês seguinte. Também o sétimo filho do casal, de nome Ludwig, teve vida de apenas alguns dias. Nasceu e faleceu em janeiro de 1865, no Itajaí Mirim. O oitavo rebento do casal Franz Salentien, de nome Maria Madalena nasceu na capital da província Destêrro, a 22 de julho de 1866. Morreu solteira em Brunsvique a 10 de julho de 1883. O nono e último filho, Jenny Emilia, também nasceu em Destêrro a 20 de Março de 1870 e faleceu, em Kassel, Alemanha, a 16 de fevereiro de 1876. Aí está, em ligeiros traços, a notícia da descendência de Franz Sallentien um dos colaboradores do fundador de Blumenau e, como integrante da primeira leva de imigrantes um dos fundadores, também, da cidade. Durante os anos que viveu no Brasil, Sallentien deu provas de a-

tividade extraordinária, de grande amor ao trabalho, e, sobretudo, destacou-se pelo exemplar comportamento de espôso e pai. Foi um comerciante honesto, um companheiro, dedicado um cidadão de sentimentos alturísticos e generosos. Blumenau honrará sempre a sua memória.

## O ITAJAÍ AÇÚ, RIO AMIGO

*Teobaldo Costa Jamundá*

Quem olha na direção de Apiuna, de um trecho alto da estrada velha em cima da serra da Subida, se deslumbra com a paisagem: o rio Itajaí açu como fita de aço rebrilhante ao sol, contrasta com o macio aveludado das serras. A distância faz da paisagem lá em baixo, o país de Branca de Neve e os Sete Anões: casas coloridas, pastagens verde azulado com animais de brinquedos; vivos com fios de topázio emaranhados os caminhos por onde circulam silhuetas de veículos tão pequenos, como os recebidos nas árvores de natal. O quadro bucólico tem ritmo tranqüilo e sugere felicidade eterna mas, na verdade tudo compõe trecho de paisagem humana que o trabalho caprichoso do imigrante europeu construiu.

Por ali os músculos rijos da gente dona da paisagem, foram caldeados com a umidade do rio. E o verde de todos os tons da vegetação viçosa, contrasta com o amarelo dos ipês nos brejos e dos guarapuvus nas ladeiras. O céu, como todo céu romântico, é de azul polido para a combinação artística com o vermelho das quaresmeiras. Durante a primavera a natureza é uma festa e nem falta a ela, com vôo lerdo, colorido circense e canto sem graça, o bando de tucanos. Todavia senhor mesmo e regente maior da vida geográfica, é o rio Itajaí açu.

Ali, corre território do município de Indaial e está avolumado pelos afluentes: Itajaí-do-oeste, Itajaí-do-sul e Itajaí-do-norte, suas águas descem atravessando a Serra do Mar, depois de refletirem o perfil exótico do morro Pelado, acidente geográfico que deu o nome à localidade. E porque por ali a paisagem humana progrediu pouco, o borbórinhar das águas afinam com o alarido silvestre de todos os seres, ensaiando, só Deus sabe de quando, trecho de sinfonia catarinense mal divulgada e pouco conhecida.

Daí para baixo muitos quilômetros recebe o afluente rio Benedito, na cidade de Indaial e continua indo para o mar que, só o encontra na cidade de Itajaí porém, antes de chegar lá recebe os dois últimos afluentes, os rios Luiz Alves e Itajaí-mirim.

Quem ensinou ao imigrante tomá-lo por amigo foi o nativo, mas essa lição só foi possível porque o líder da colonização, o Dr. Blumenau, a entendeu como das mais importantes para fixação do coração da criatura imigrada.

E assim o velho rio dos nativos foi um companheiro nôvo dos imigrantes, e deu a superfície sem agressividade à bateira cabocla, equipada de esperança, lastro fecundo da vontade forte que moveu o imigrante europeu com energia e decisão nas tarefas do povoamento.

Insinuante assim de referências agradáveis, o velho rio colonizado ligado à vida da comunidade que o imigrante europeu plantou, sugere mil e uma comparações onde duas delas merecem repetição: rio estrada da colonização, que é uma expressão literária de algum observador que não penetrou o conteúdo da aliança dos ingredientes juntados ali para fazer mais próspero

o Estado de Santa Catarina; Itajaí-açu rio amigo, que é uma autêntica expressão de amor, significante de carinho permanente na própria simplicidade com que foi e é pronunciada, dita ontem, repetida hoje e que será, sem dúvida, repetida amanhã.

Itajaí-açu rio amigo, foi como o imigrante adentrado pelos seus afluentes, subindo sempre ainda como pioneiro, sentiu que fôsse; Itajaí-açu rio amigo, pronunciou quando armou o rancho de palmito na margem em plena feracidade; ou quando, já estabelecido nas terras altas imediações das nascentes dos ribeirões afluentes; Itajaí-açu rio amigo foi expressão que incluiu rezando na igreja-escola ou colocando lírio do brejo á cruz mal falquejada do cemitério incipiente, lembrando e orando o parente sepultado, Itajaí-açu rio amigo, disse para os filhos e repetiu aos netos.

Itajaí-açu rio amigo, quer dizer, rio colaborador maior da paisagem humana construída ali. E não admira que assim seja qualificado pois a criatura humana que lhe pediu colaboração, trouxe além da vontade forte no interêsse organizado, uma mensagem identificada: no louro dos cabelos e no verde dos olhos, as côres nacionais brasileiras.

---

## MINHA PRIMEIRA ESCOLA

---

*Fernando Müller*

Minha entrada na escola...Em junho de 1885 ou completava seis anos de idade. No mês seguinte, em julho, meu pai permitiu que eu entrasse para a escola. Digo permitiu porque êle não fizera mais que a minha vontade. Meu irmão Luiz, sim, que já fizera sete anos e três meses não tinha vontade nenhuma. Meu pai levou-o no primeiro dia até a escola, mas, pouco depois, êle voltou chorando e dizendo que o professor era um homem muito feio.

Eu já conhecia de vista o professor. Êle não era feio, mas era muito relaxado e bebia, o que, naquele tempo, era virtude de sábio, pois, nas festas seguidamente se cantava o refrão de Martim Lutero "quem não ama o vinho, as mulheres e o canto permanece um louco por tôda a vida". Também se cantava muito então: "Se o Papa vive folgado no mundo/ não lhe falta o dinheiro das indulgências e bebe do melhor vinho, então porque não posso eu ser Papa por um dia?"

Com êsses incentivos e com a beatice da minha avó, que chegava à superstição, formou-se em mim uma idéia, um pensamento bem diferente que se desenvolveu sempre mais com os anos e o sofrimento.

Vou, porém, contar o meu primeiro encontro com o professor.

Êle se chamava Franz Prinz, era casado e tinha um filho. Êste tinha 13 anos e foi um dia encontrado morto num paiol de milho, numa roça. Nunca se soube porque o filho do professor, com tão pouca idade, parava fora de casa. Talvez que o salário do professor não fôsse suficiente para sustentar a família e não tivesse outro meio de vida. Mas o professor tinha uma boa casa de morada e bastante terra para plantar.

Aqui, num parêntese, quero dizer onde ficava esta escola e quais foram os seus fundadores. Cheguei a conhecer a êstes, com algumas exceções mas já em idade bem avançada. E isto o faço em cumprimento de uma

promessa que fiz à ilustre senhora professora Dona Alice Pauli, que encontrei lecionando naquela escola em 1945, na ocasião da minha visita a Blumenau, depois de 39 anos consecutivos de ausência. Os meus passeios a Blumenau só eram feitos em razão das saudades\* que eu dêle sentia. Num dia daqueles, indo de Blumenau, eu me dirigia para Itoupava Central e, depois de ter feito, numa balsa, a travessia do rio, cheguei em frente da escola de Itoupava Norte e ouvi as crianças cantarem o Hino Nacional. Parei a escutar. E a fada da recordação e da saudade da aurora da minha vida levou-me, automaticamente, os passos até à porta da escola. A professora extranhou a minha visita e perguntou-me o que eu queria. Eu disse-lhe que vinha matar a saudade de sessenta anos atrás, quando eu começara a frequentar aquela escola. A boa e linda professora veio até à porta, deu-me a mão e fez-me entrar. Depois de ter feito com que todos os meninos me cumprimentassem, perguntou-me se, no meu tempo, já se lecionava daquela maneira. Não me ri para não assustar a professora. Disse-lhe, porém, que no meu tempo não havia professora e sim professores homens, que eram chamados de mestre-escola porque não tinham diploma, eram nomeados pelas Comunidades Escolares, sendo às vêzes pobres imigrantes da Alemanha, que não sabiam trabalhar na lavoura e que não encontravam vaga na profissão que poderiam exercer.

Pedi à professora que me permitisse dirigir algumas palavras aos seus alunos, no que ela acedeu e assim, contei às crianças que, da porta para dentro da escola, a Professora representava a mãe de cada aluno e que era a responsável, em grande parte, pela educação e o futuro de cada um dos seus alunos, cuidado êsse que nem tôdas as mães tinham e, talvez muitas crianças seriam como eu, infelizes, órfãos de mãe e que teve o mundo por escola.

A professora me agradeceu e fez as crianças cantarem uma canção, para a minha grande alegria.

Mas a professora estava era interessada em saber se eu não tinha conhecimento do misterioso desaparecimento de um certo professor daquela escola. Isso, entretanto, eu não poderia contar na presença dos alunos e prometi-lhe que lhe escreveria daqui, do Paraná, tudo quanto sabia da origem desta escola, da qual eu tinha ainda bem vivas recordações. Eu recebera de minha avó, no mesmo dia do seu falecimento, todos os documentos que o meu avô trouxera da Alemanha e, no meio dêsses documentos, existia uma cópia da fundação da primeira escola em Itoupava Norte. Essa cópia, tomaram-na das mãos e queimaram na juntamente com outros livros impressos em língua alemã homens que vieram fazer vistoria em minha casa na ocasião em que o Brasil declarara guerra à Alemanha.

Em primeiro lugar, vou satisfazer o desejo da Professora Dona Alice Pauli. Não me causou admiração o ter essa senhora se interessado somente pelo epílogo da história dêsse homem desaparecido que talvez ainda tenha seu nome inscrito nos anais da mesma escola como sendo Leopoldo Pauli.

Essa circunstância deve ter chamado a atenção da professora, pois o pai dela tinha o mesmo nome.

O tal mestre-escola, Leopoldo Pauli era um homem inteligente, mas não possuía documentos de identidade. Viera da Europa juntamente com Adolfo Volkert. E como Adolfo Volkert tinha a consciência limpa mas os bolsos vazios foi procurar recursos em Blumenau e chegou à casa de meu pai com uma enxada e uma foice sem os respectivos cabos, porém com uma

recomendação do Superintendente de Blumenau para que lhe fôsse dada uma colocação. O Superintendente era-amigo de meu pai.

E como o tal Pauli não tivesse documentos e não quizesse revelar o seu verdadeiro nome andava sempre junto com Volkert. Não encontrava porém serviço, pois era um granfino decaído. Meu pai gostava muito de jogar cartas e tinha já os seus parceiros de jôgo e entre êles Alwin Seeliger, Gustavo Kirsten, meu tio Karl Müller e outros. Tendo encontrado emprêgo em casa de meu pai, Adolfo Volkert entrou na jogatina e com êle o tal mestre-escola que não se afastava de Volkert, embora não se sujeitasse, como Volkert, a pegar no pesado. Meu pai e seus amigos nomearam Pauli como mestre-escola do lugar. E logo êle conquistou a simpatia das crianças. Foi o único mestre-escola que não batia nos alunos, como então era costume. Como o mestre-escola não tivesse família, tomava as suas refeições na casa de Ludwig Wegner que possuía um bar e salão de bailes. Meu pai, meu tio e Alwin Seeliger, com mais alguns amigos, formaram ali um clube de Skat. Volkert também fazia parte.

Certo dia, nós, a criançada, chegamos na escola e achamos a porta aberta e em cima da escrivaninha um bilhete com êstes dizeres em alemão: "Meus caros meninos. De mim, vocês estão livres. Fiquem alegres! Para os meus amigos, deixo aqui uma cordial despedida". (Como amigos êle entendia meu pai, meu tio Karl e Alwin Seeliger). Batera em Blumenau um mandado de prisão contra um certo Heinrich Vogelrohr sob o pseudo nome de Leopoldo Pauli...

A gentil professôra da Escola de Itoupava Norte que não pense houvesse crime algum no desaparecimento do mestre escola que também não era parente da família dela. Meu pai contou-me depois que também Alwin Seeliger havia recebido uma carta da Argentina, dirigida aos colegas de Skat, com a seguinte assinatura: "Âs de copa é trunfo e paus bate". O Pauli já havia trocado de nome outra vez.

Agora que contei a história do desaparecimento do professor, vou ver de quantos nomes me recordo dos que estavam relacionados naquele relatório, nomes de pessoas que ainda cheguei a conhecer e outros de que ouvi falar e que também merecem louvores e entre êles Johan Karl Müller, meu avô paterno será o número um.

São êstes os nomes dos fundadores da Escola, os quais cheguei a conhecer pessoalmente: Antônio Härtel, que foi redator do "Blumenauer Zeitung", Luiz Wegner, hospedeiro; Heinrich Starcke, lavrador; Lüders também lavrador; Heinrich Meyer, fabricante de açúcar; Kögler, fabricante de farinha de mandioca; Cristiano Schoenfelder, agricultor; Heinrich Krüger, seleiro e balseiro; Herbst, lavrador; Liesenberg, padeiro; Kath, lavrador; Hermann Kästner, lavrador e músico; Antônio Kirsten, fabricante de tamancos; Wilhelm Voigtländer, Lavrador e sapateiro; Benno von Baraski, Eggebrecht, lavradores; Wilhelm Wuttke, marceneiro, Wilhelm Seeliger, negociante e açougueiro; Alberto Jünge, lavrador e Friederich Koch, lavrador e proprietário de uma olaria. Os que não conheci pessoalmente foram os mais ativos lutadores pelo começo desta Escola. Johann Karl Müller, lavrador, encadernador e litógrafo foi quem elaborou muitos modelos para serem copiados pelos alunos da escola, porém tudo em língua alemã e que mais tarde foram destruídos pela incompreensão de muitos.

Também não conheci o primeiro professor. Mas ouvi falar tanto dêle que, se eu tôsse pintor, podia pintar-lhe o retrato com a perfeição de

um espelho. Era conhecido como o "Alten Westendorf". Westendorf era amigo do sr Friedenreich e do Pastor Sandreski e de outros senhores de proa em Blumenau e, portanto, protegido.

Quantas vêzes ouvi a minha avó e a Frau Wuttke conversarem sobre o tempo passado, citando, continuamente, o "alten Westendorf". Assim também meu pai, meus tios e seus amigos falavam do tempo em que foram alunos da escola, com elogios, ao nome do "velho Westendorf".

Com êste artigo, envio uma saudação ao povo querido de Itoupa-va Norte e também à denodada professôra Alice Pauli. Talvez ainda vivam alguns dos ex-alunos daquela escola que cantaram o Hino à Bandeira a pedido dela, durante a minha visita. Saudações ao bairro da minha infância!

---

## UM CASAMENTO POUCO COMUM

---

No dia 17 de setembro de 1930, realizou-se na sede do então distrito de Hamônia, Blumenau, uma cerimônia de casamento que atraiu a atenção geral e foi assistida pelas mais destacadas pessoas do lugar e até mesmo da sede do município.

É que, naquele dia, uniram-se pe'os laços do matrimônio o índio Có-ngroi Nrê-Schidu Mogconán, aldeiado no Pôsto Indígena "Duque de Caxias" com a senhorita Filomena Grava.

A cerimônia realizou-se na Intendência Distrital. O clichê que ilustra esta página, mostra aspecto do ato civil, quando os noivos davam o SIM perante o juiz de paz e seu escrivão.



Os noivos (não esqueceram, nem mesmo de enfeitar o noivo com uma imponente cartola) chegam á Intendência Distrital para a cerimônia de casamento. E de automóvel!

# **COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER**

BLUMENAU — Santa Catarina  
Caixa Postal, 4 — Telegramas: "CIASCHRADER"

110 anos de tradição no comércio do  
Vale do Itajaí

Sede, Administração, Escritório e Lojas  
Rua 15 de novembro n°. 117

Depósitos: Rua Itajaí, 260

**Oficina mecânica especializada "MERCEDES-BENZ"**

Rua Itajaí, 625

Revendedores de Chassis e Peças "MERCEDES-BENZ";  
Lubrificantes "MOBILLOIL"; pneus e câmaras de ar  
"DUNLOP" e "PIRELI".

**Agentes Gerais da "CIA. BOAVISTA DE SEGUROS" e  
SANTA CRUZ - Cia. de Seguros Gerais.**

**CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS  
E  
CIRÚRGICOS**

---

**BLUMENAU - RUA IGUAÇÚ, 291/362 - SANTA CATARINA**

**CAIXA POSTAL, 953 — FONE, 22-1066**

---

**GAZES E ATADURAS-MEDICINAIS**

**ATADURAS GESSADAS**

**ALGODÃO HIDRÓFILO**

**FRALDAS PARA BEBÊS**

**FAIXAS HIGIÊNICAS PARA SENHORAS**

**ARTIGOS DE PRIMEIRA QUALIDADE**